

**NAVA BIÓGRAFO**

Joaquim Alves de AGUIAR\*

Minha obra literária não deixa de ser obra de médico.  
Quem olhar com atenção, perceberá o médico em cada  
página, a experiência dele na apreciação do ser  
humano  
PEDRO NAVA.

**Resumo:** O texto aborda trabalho inédito de Pedro Nava, a saber, a "Biografia de Torres Homem", obra inacabada do escritor. Os interessados em Pedro Nava talvez possam reconhecer nesta sua atividade de biógrafo certas "matrizes" estilísticas do que viria a ser sua obra madura, ou seja, suas famosas Memórias.

**Palavras-chave:** Pedro Nava, Memorialismo, Biografia.

**Abstract:** The text concerns an unpublished work of Pedro Nava, namely "Biografia de Torres Homem", unfinished work of the writer. The ones who are interested in Pedro Nava can maybe observe in his activity as a biographer some stylistic "patters" of what would be his mature work, that is, his famous Memories.

**Key words:** Pedro Nava, Memorialism, Biography

Quem leu *Galo-das-Trevas*, o quinto volume das *Memórias* de Pedro Nava, vai se lembrar de que, em certo momento do primeiro capítulo, o escritor deu notícias de um trabalho inédito de sua autoria sobre "a vida do maior mestre de nossa Medicina – esse que foi no século passado [o XIX] um fenômeno da ciência, como Machado de Assis o foi das letras – João Vicente Torres Homem". É impossível que a passagem não chame a atenção e não desperte a curiosidade: um médico comparado, no seu ofício, ao nosso maior escritor? Como seria? No mesmo trecho, o memorialista afirmou ter na gaveta dois capítulos prontos, formando "dois ensaios que nas quase trezentas páginas podem dar livro de tamanho apresentável". Um livro que naquela altura, fim dos anos 70 e começo dos 80, Nava não havia terminado. Nem terminaria. Assim é a *Biografia de Torres Homem*, trabalho de breve Introdução e dois capítulos, sobre os quais o escritor se debruçou durante vinte anos ou mais, embora não exclusivamente, e que pode ter interrompido para dar início à elaboração das suas *Memórias*, a obra definitiva que tornaria seu nome importante no cenário das letras brasileiras – Nava iniciou a *Biografia* em 1945; escreveu o primeiro capítulo em dois anos, para só retomar o trabalho em 1959, interrompendo-o outra vez até 1964, quando volta à pesquisa que acabou não

concluindo. Não sabemos quando a abandonou em definitivo, mas sabemos que começou a escrever as *Memórias* no início de 1968.

O manuscrito encontra-se guardado na Casa de Rui Barbosa. O meu trabalho consiste em preparar o material para a editora Ateliê, que tem os direitos de publicação da obra do escritor. São 251 páginas, sendo 190 escritas a mão e o restante datilografado. É interessante observar que Nava, naqueles idos da década de 1940, já procedia como iria proceder duas décadas depois na redação das *Memórias*. Escreveu a *Biografia* em papel almaço, com a folha aberta, usando só a frente, e somente do lado esquerdo da folha, deixando o direito para acréscimos e correções. Como todos sabem, o escritor era médico, mas tinha letra boa, de modo que não foi tão penoso ler e digitar o texto, muito embora as cunhas, flechas, correções incessantes e borrões deixados pela tinta e pelo tempo tenham atrapalhado o ritmo da leitura e da digitação. Ainda sobre o manuscrito, há um aspecto que vale a pena mencionar: as notas de rodapé constituem mais de 1.000 num texto que, digitado, não chega a 150 páginas. Isto dá a medida do extremo rigor do biógrafo, de sua preocupação em basear-se sempre nos documentos para a reconstituição o mais exata possível do perfil e da ciência do seu biografado.

Mas o leitor não deverá esperar uma biografia de tipo tradicional. A figura de Torres Homem é descrita pelos saberes e pelo trabalho do médico, tanto que o primeiro capítulo, como já informei, seguido de uma Introdução, se chama “Inspeção” e o segundo “Interrogatório”. É, portanto, na vida do clínico “em ação” que Nava se detém, e com um método admirável, pois inspecionar e interrogar o paciente são etapas necessárias e fundamentais para produzir diagnósticos e prognósticos eficientes. Qualquer leigo sabe disso, mas isto, que deve fazer parte do dia-a-dia do médico, se converte, nas mãos do médico-escritor, em plano de exposição, daí resultando uma biografia fora dos padrões e bastante original. É como se Nava “desencantasse” Torres Homem, para filmá-lo em vida, em pleno exercício da profissão. Com efeito, o biógrafo inicia inspecionando a cabeça, em seguida o tronco, depois os membros – tudo detalhado conforme os procedimentos colhidos à obra do biografado. É como se examinasse um corpo, de alto a baixo, pelas mãos do Mestre, de modo a revelar o próprio Mestre. Alguém veja se isto não é coisa de escritor. Torres Homem parece estar inteiramente ali, em sua enfermaria, na casa do doente ou em seu consultório, podendo-se dispensar dele o conhecimento da outra vida, fora do campo hipocrático.

Quem quiser saber mais de Torres Homem precisará recorrer a outras fontes. Era carioca, nasceu em 1837 e morreu em 1887, antes de completar 50 anos. Foi, portanto, um homem do Império. Era casado e pai de quatro filhos. Além de cardíaco, parecia sofrer do “Mal de Thomsen”, doença que inibe os movimentos musculares. Ruivo, atarracado e movimentando-se com dificuldade, não era propriamente um modelo de vigor ou beleza. Sua força estava na competência e no amor que devotava à profissão, na sabedoria, na clareza da exposição e na eloquência. Tais virtudes atraíam sempre platéia considerável às suas lições e

palestras. Era de fato uma celebridade médica em seu tempo, e como costuma acontecer nessas combinações de feiúra e talento, foi alvo de apelidos como “apoplexia ambulante” (vermelho no rosto, provavelmente provocado pela cardiopatia), “valete de copas” (mesmo motivo), “porco em pé” (atrofia dos membros). Consta que tinha o temperamento retraído, embora fosse um grande *causeur*, além de comilão e amante de sorvetes. Médico e professor de Medicina, o “Barão de Torres Homem” (título que lhe foi conferido pelo Imperador Pedro II) escreveu bastante – cerca de 150 trabalhos científicos e vários livros, os quais servem de base para a pesquisa de Pedro Nava.

Atrás informei que não tive maiores problemas de entender a caligrafia de Nava. O difícil (problema ainda não de todo sanado) foi manusear o vocabulário do texto. É que o mesmo é regido pela Medicina, de ponta a ponta. Termos médicos e científicos em abundância poderão tornar árida a leitura, embora não no todo, porque há largas faixas de “descanso”. De qualquer maneira, se o leitor tiver um pouco de paciência, entrará em contato com um trabalho fascinante, quase um vestibulo do casarão que o escritor ergueria depois, ao entregar-se de vez à sua atividade de memorialista. Não será difícil reconhecer na *Biografia* a imponência do estilo de Nava, seu entusiasmo pela figura admirada, sua sintaxe exuberante, seus períodos espessos, sua farta adjetivação, as enumerações estendidas, sua língua solta, seu apego às metáforas, seu gosto pelos casos pitorescos, sua vasta cultura, seu humanismo, sua francofilia etc. Eu creio que a publicação deste inédito poderá abrir novas perspectivas para quem se dispuser a estudar as “matrizes” que engendraram o consagrado escritor de *Baú de Ossos* e outros livros.

Talvez se possa dizer que o memorialista se adentra na escrita do médico que biografava. Nava defende a tese de que Torres Homem teria sido um bom escritor, ao lado do médico importante e ilustre que foi. A comparação com Machado de Assis vem da força da obra e do seu pioneirismo. Outro admirador de Torres Homem, Orlando Sattamini-Duarte, havia dito, em artigo dos meados dos anos 50, que o grande clínico “teria logrado a mundial celebridade dos mestres europeus de sua época se escrevesse em língua divulgada”. Ora vejam, Antonio Candido não diria o mesmo, a propósito do autor de *D. Casmurro*, em seu conhecido ensaio “Esquema de Machado de Assis”? O trabalho com a obra de Torres Homem pode ter aberto as comportas da prosa naveana. Até então, Nava havia sido um poeta secundário do Modernismo; nesse momento encontra-se debruçado em sua Medicina. Seus dois primeiros livros, vale frisar, foram *Território de Epidauro*, publicado em 1947, mesma época da *Biografia*, e *Capítulos de História da Medicina no Brasil*, publicado dois anos depois. Como se vê, nessa fase do escritor a prosa médica e historiográfica ocupa o primeiro plano.

Mas o que nos interessa mesmo é ver possíveis ligações entre o trabalho biográfico e o da memória. A busca de Torres Homem não deixa de ser uma espécie de busca da paternidade. É como se o escritor fosse procurar suas origens na figura poderosa do médico. Parte da beleza do estudo reside nisto, na sua “gratuidade”, próxima à literatura, enquanto

homenagem ao homem de ciência, pioneiro e desbravador. O livro não deixa de ser uma história da medicina brasileira, mas vale também como busca simbólica de si mesmo, ou seja, da matriz que conseguiu estabelecer uma tradição no Brasil: a dos médicos humanistas, os quais, como o memorialista gostava de dizer, honraram sua Arte e sua terra; uma tradição a qual Nava julgou pertencer, e certamente com razão.

Os leitores de Nava sabem que era grande o seu amor pela França. Pois bem, essa tradição médica por ele celebrada era de origem francesa. Não à toa a *Biografia* começa citando Louis-Léon Rostan, mestre entre outros mestres do mestre brasileiro. Poderíamos imaginar uma linha que viesse do médico francês, passando por Torres Homem, cujo pai também era médico, aliás, formado na terra de Rostan, até chegar em Nava, reumatologista de renome e professor de Medicina antes de tornar-se escritor consagrado? Sim, até porque, como sabemos, Nava tinha grande apreço pelo “linhagismo”. De toda forma, o fato é que são muitas as considerações do memorialista sobre sua filiação, bem como a do segmento mais preparado e culto da medicina de sua geração, à tradição médica e científica francesa. Como serão constantes suas investidas contra as influências de outras culturas na medicina brasileira, sobretudo a norte-americana, escola alienígena e “descultivada”, árida e quantitativa. Nos termos de Nava, os franceses “levantaram um monumento de medicina clínica que há de ser sempre uma honra do pensamento humano e glória perene da inteligência francesa” (*Biografia*, p. 39).

Um dos aspectos que caracteriza a tradição das Humanidades francesas é, como se sabe, a arte de escrever bem. Os exemplos de graça e beleza colhidos por Nava na obra do médico são inumeráveis. Vejamos somente alguns, a título de demonstração, e já no intuito de encerrar a nossa conversa. O primeiro refere-se ao uso dos adjetivos atribuídos à língua na história dos pacientes. O biógrafo capta a riqueza e a precisão verbal nas páginas de Torres Homem. De certa maneira a exploração da língua, órgão da boca, vira exploração da língua-idioma:

“o professor carioca se servia das gradações de sua cor (descorada, pálida, ictérica, avermelhada, rubra, excessivamente rubra, escarlata, escurecida, enegrecida); das modificações de sua superfície (acetinada, luzidia, áspera, encarquilhada, crestada, sulcada, fendida, descamada, ulcerada); das variações de sua forma (pontiaguda, larga, esplanada, volumosa, túrgida); das perturbações de sua posição, mobilidade e motilidade (retraída, parética, parálitica, desviada, imobilizada, trêmula); e da qualidade, quantidade e coloração dos seus depósitos (tênuos, espessos, glutinosos, mucosos, sanguinolentos, pultáceos, pastosos, viscosos, saburros, espumosos, pseudo-membranosos, cor de caliça, amarelados, cor de ferrugem e denegridos)” (*Biografia*, p. 39).

Segundo exemplo: Torres Homem indagava dos pacientes etílicos a quantidade e o tipo de bebida que consumiam

“e suas observações [diz o biógrafo] nos oferecem uma curiosa e alegre ementa da bebida popular à sua época. Vinha em primeiro lugar a democrática e canalha água-bruta, ou caxaramba, ou uca nas suas formas de aguardente laranjinha ou aguardente de cana, e em seguida a amistosa cerveja e os mostos – ou palhetos e donzés, ou machos e duros: vinho branco, vinho do Porto, vinhos generosos, vinhos capitosos. Tudo isto tinha importância porque o clínico eminente atribuía a cada um desses néctares valor etiológico específico” (*Biografia*, p. 129).

Vejam vocês se tais exemplos não lembram com nitidez o futuro narrador das *Memórias*.

Sabemos que a enumeração é um dos recursos que mais caracterizam o estilo de Nava. Pois bem, Torres Homem deixou registro das ruas e bairros por onde andou. Nava chega a sugerir uma “toponímia de Torres Homem”, ou seja, um mapa médico e social da cidade capaz de convidar o leitor de hoje a um autêntico passeio pelo Rio antigo. Vem daí o nosso terceiro exemplo. É fazendo uso da enumeração que o escritor lamenta

“vias hoje desaparecidas ou rebatizadas como Cais da Imperatriz, a rua da Pedreira da Glória, a rua das Violas, ou as de Santa Isabel, Prainha, Ajuda, Mataporcos, Areal, Conde D’Eu, Lampadosa, Nova do Ouvidor, Partilhas e Princesa dos Cajueiros” (*Biografia*, p. 117).

Para Nava, enumerações como esta por um lado acentuam o pitoresco das palavras, por outro estão cheias de “reminiscências e tradições”. Não são, pois, aleatórias nem mero jogo de estilo. Vejamos o salto comparativo que ele dá, insistindo, em pleno trabalho biográfico na poesia do recurso:

“A repetição do nome dos largos, morros, estradas, becos, travessas, praias e praças da velha cidade carioca funciona com valor estético semelhante ao do verso iterativo de Péguy ou do poema enumerativo de Walt Whitman. É o que compreendeu Manuel Bandeira na sua prodigiosa ‘Tragédia brasileira’, onde a citação sucessiva e marcada dos bairros de moradia de Misael e Maria Elvira preparam, prolongam e acentuam a expectativa do desfecho dramático” (*Biografia*, p. 117).

E para terminar, só mais um exemplo: Nava prestou atenção nos trajes e na fisionomia masculina da época nos trabalhos de Torres Homem. Vejamos uma passagem inesquecível sobre barbas, bigodes e cavanhaques dos pacientes. Alguns, diz o biógrafo,

“iam se apresentar no hospital e no consultório com aquelas caras imperiais e hisurtas, onde figuravam os buços ralos e esfiapados de mulato, até as fornidas bigodeiras barrocas de lusitano, compondo-se com tudo quanto é diversidade de barba e fantasia de cavanhaque. Das discretas costeletas às suíças memoráveis, semelhantes às do Dr. Luiz da Cunha Feijó Júnior. Das modestas moscas e simples barbichas, àquelas em catadupa, como as do Magnânimo, com passagens pelas do gênero em ponta, em ferradura, em leque, passa piolho; à Tamandaré, ou ‘en-bouc’, como as que usava o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, o fundador ilustre da Academia de Medicina da Corte” (*Biografia*, p. 34).

A mim parece que o trecho, de fundo proustiano, poderia ter sido recortado de um *Baú de Ossos*, um *Balão Cativo*, um *Chão de Ferro*; e acho que não preciso dizer mais nada. Muito obrigado.

---

\* Joaquim Alves de Aguiar é Professor Doutor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP – e-mail: [joaquim.aguiar@uol.com.br](mailto:joaquim.aguiar@uol.com.br)